

REVISTA ESTÉTICA E SEMIÓTICA
volume 8 - número 1 - 2018

NEHS Núcleo
Estética
Hermenêutica
Semiótica

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



RES

REVISTA ESTÉTICA E SEMIÓTICA

é uma publicação temática semestral, editada pelo Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

ISSN 2238-362X

Solicita-se permuta/ Exchange requested

Os autores são responsáveis
pelos textos e pelas cessões
das imagens em seus artigos.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de Brasília - UnB
Instituto Central de Ciências - ICC Norte - Gleba A
Campos Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte - Caixa Postal 04431
CEP: 70904-970 - Brasília / DF - E-mail: fau-unb@unb.br
Telefone: 55 61 3107-6630 Fax: 55 61 3107-7723

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitora: Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor: Enrique Huelva

Decana de Pós-Graduação: Profa. Dra. Helena Eri Shimizu

Decano de Pesquisa e Inovação: Profa. Dra. Maria Emília Machado Telles Walter

Decano de Extensão: Profa. Dra. Olgamir Amancia

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - UNB

Diretor da FAU: José Manoel Morales Sanchez

Vice-Diretor da FAU: Luciana Sabóia

Coordenador de Pós-Graduação: Marcos Thadeu Queiroz Magalhães

EQUIPE EDITORIAL

Fundadores

Flávio René Kothe (Universidade de Brasília – Brasil)

Júlio César (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – Brasil)

Conselho Editorial

Flávio René Kothe (Universidade de Brasília – Brasil)

Miguel Gally (Universidade de Brasília – Brasil)

Luciana Saboia (Universidade de Brasília – Brasil)

Gustavo de Castro (Universidade de Brasília – Brasil)

Equipe Editorial

Aline Stefânia Zim

Carolina Borges

Erinaldo Sales

Flávio René Kothe

Editoração Gráfica

Isac do Vale Oliveira

Endereço postal

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU Universidade de Brasília – UnB

Instituto Central de Ciências - ICC Norte - Gleba A

Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte

Brasília Distrito Federal

70904-970

Contato Principal

Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica: nucleoehs@gmail.com

Contato para Suporte Técnico

Júlio César: nucleoehs@gmail.com

SUMÁRIO

Equipe Editorial	IV
Apresentação Flávio R. Kothe	VII
	ENTREVISTA
Entrevista ilustrada com Sérgio Rizo	1
	ARTIGOS
Verdade e representação na perspectiva inversa Aline Stefânia Zim	9
Imagem dialética e imagem crítica: conceitos benjaminianos para pensar arte e emancipação Bianca Ardanuy Abdala	27
Representações do espaço e o espaço como representação Carolina da Rocha Lima Borges	37
Que catedrais desenha em pensamento? Cláudia Garcia	45
Hierarquia das artes Erinaldo Sales	57
O espírito da Estética Farley Derze	67
Profusão da morte e liberdade formal no interior de necrópoles brasileiras Leonardo Oliveira	75
A narrativa e o combate interno do guerreiro, em “Portões de Fogo”, de Steven Pressfield, como jogos de luzes e sombras – uma leitura junguiana Max Müller Cerqueira Sobrinho	87
	CONTOS
O vampiro do campus Flávio R. Kothe	101
Ser pai Flávio R. Kothe	105

APRESENTAÇÃO

Como dissemos no número anterior da Revista RES, o primeiro simpósio organizado pelo NEHS, Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília, em 2015, foi sobre Poder e Manipulação; o segundo, em outubro de 2016, foi sobre Arte e Metafísica; o terceiro, em outubro de 2017, foi em torno do tema Arte e Verdade. O primeiro foi publicado na Revista Paranoá número 16 de 2016, que é editada pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade; o segundo, na RES, Revista de Estética e Semiótica, número 1 de 2017, que é organizada pelo NEHS, Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica; o terceiro teve uma parte das palestras abrigadas na RES, Revista de Estética e Semiótica, número 2 de 2017, mas, como as participações aumentaram, foi preciso abrigar parte das apresentações no presente número. Antes disso, o número 6 da RES, número 1 de 2016, abrigava textos derivados em grande parte de simpósios organizados pelas Faculdades de Arquitetura e de Comunicação da Universidade de Brasília sobre a arquitetura a partir do imaginário e o imaginário a partir da arquitetura.

Decidiu-se nesse número retomar algo que os números iniciais da RES continham: a publicação de trabalhos criativos, como projetos arquitetônicos, fotografias, poemas, contos, desenhos. Por isso, ele começa com uma série de desenhos do professor Sérgio Rizo, membro do NEHS e da linha de pesquisa de estética e semiótica, acompanhada de uma entrevista em que ele expõe sua visão de uma série de problemas contemporâneos das artes; no fim, ele fecha com dois contos de Flávio Kothe sobre o mundo universitário, sendo a ficção a possibilidade de falar sobre algo que em geral não se pode dizer. Essas duas partes formam como que uma extensão das capas, para envolver os artigos. Espera-se que no futuro outros trabalhos de perfil criativo venham a ser publicados.

Nos artigos, em ordem alfabética de autoria, Aline Zim discute a contraposição entre a perspectiva renascentista de representação e aquilo que Floriênski chamou de “perspectiva inversa”. Não é uma terminologia muito feliz, pois desenhar ou pintar figuras conforme o seu grau de importância política ou religiosa parece ter sido mais antigo do que gerar

a ilusão de, em duas dimensões, conseguir sugerir também a profundidade. Ainda que representar um deus ou o faraó em tamanho maior do que figuras menos relevantes fosse uma regra da pintura egípcia, parecia então natural obedecer a ela, já que era evidente a maior importância deles: era algo mimético em relação ao grau de representatividade. Como chamar de inversa uma perspectiva anterior à proposta renascentista? Mimetizar a relevância da figura, em vez de desenhar ou pintar maiores as figuras mais próximas e menores as mais distantes, foi praticado pela Igreja Ortodoxa russa, mas também pela Igreja Católica, aparecendo inclusive em quadros do renascimento italiano. Aqui se utilizam conceitos da Teoria Literária para ler pintura e arquitetura como textos.

Bianca Ardanuy procura pensar Brasília como expressão do moderno, confrontando-a com proposições de Walter Benjamin sobre Poe e Baudelaire na vivência da megalópole. Como em Benjamin a figura do “flâneur” se tornou central e Brasília foi construída para divulgar a indústria automobilística que então se implantava, fazendo do seu morador um ser com cabeça, tronco e rodas, se coloca a questão da disparidade entre a teorização europeia e a realidade brasileira. Como Brasília quis ser expressão do moderno, precisa-se perguntar de que modernidade se trata: da grande cidade do século XIX, decorrente da industrialização, da vanguarda totalitária ou da vanguarda anarquista. Até que ponto o projeto de Brasília foi autoritário, segundo o modelo da Carta de Atenas, ou permite inovações?

Carolina Borges mostra a inovação da perspectiva no renascimento italiano, sendo o ponto de fuga a introdução do infinito na finitude do quadro. Ela também reflete sobre as proposições de Floriênski, estuda decorações romanas de paredes em confronto com obras plásticas do renascimento italiano. A perspectiva é sempre um recorte de mundo, uma sinédoque que dá ênfase a certos aspectos do real e a um modo de ver, não é apenas uma questão técnica, pois impregna a significação da obra.

Numa época em que o computador se tornou uma ferramenta essencial de trabalho, a professora Cláudia

Garcia retoma um tema dileto: defende a tese de que o desenho é fundamental para a atividade do arquiteto e estabelece uma ponte natural entre sua atividade e a pintura. O desenho engendra a estética e a semântica da obra, ele não é substituível por um algoritmo. Cada vez mais programas de computação irão resolver aspectos técnicos do projeto, que têm sido por enquanto determinantes da formação curricular do arquiteto, mas não entende bem arquitetura quem se restringir a técnicas de construção.

Erinaldo Salles retoma o tema de sua tese de doutorado, voltada para o sistema das artes e em que rastreou desde a antiguidade clássica o modo de classificar as artes, a partir de uma divisão dos sentidos entre “espirituais”, audição e visão, e materiais, os demais, consagrada pelo cristianismo a partir da definição do homem como constituído de corpo e alma. Ele questiona estrategicamente a contraposição, consagrada em Hegel, entre a arquitetura, como a mais baixa das artes, e a poesia, como a mais elevada. Enquanto a arte foi definida como “mímese”, a que menos parecia copiar era a arquitetura; enquanto a arte foi definida pelo caráter não utilitário, a arquitetura também se saía mal no sistema. Entendê-la como arte se torna difícil também quando ela passa a ser definida apenas como espaço construído.

Farley Derze escreve um conto alegórico sobre questões centrais da Estética, que é corporificada por uma senhora idosa, tratada mal por rapazes numa praça da cidade. Nessa ficção se retoma a relevante figura histórica de Baumgarten, mas se vê o percurso que essa disciplina acadêmica, de caráter pouco disciplinado, perfaz com a vivência da modernidade e das vanguardas. Há uma defesa da qualidade

diferenciada da boa arte, como vivência pessoal que Farley tem como pianista e compositor, o que o diferencia de um “filósofo da arte” que fica restrito a conceitos abstratos sem ter a vivência íntima de quem faz arte e traz isso para a sua reflexão teórica.

Leonardo Oliveira vem se dedicando há anos ao estudo das “cidades dos mortos”. Ele se contrapõe à visão corrente de que a morte a todos iguala – sendo ela desde o Ajax de Sófocles o princípio mesmo da igualdade dos homens –, para mostrar como os vivos procuram fazer dos jazigos um modo de diferenciar aqueles que eram mais proeminentes em vida. Ele é um arquiteto que descobriu o valor da literatura e da metafísica para pensar a sua especialização.

Max Müller Cerqueira Sobrinho faz o cruzamento de psicanálise com literatura para ver o que poderia distinguir uma personalidade infantil de uma que tivesse alcançado a maturidade. Baseado em Jung, ele estuda um romance relativo aos trezentos de Esparta, que enfrentaram sozinhos, até à morte, o exército inteiro dos persas invasores, a fim de dar tempo aos gregos para prepararem melhor suas defesas. O que está em jogo é o sacrifício pessoal em prol do bem comum.

Brasília, junho de 2018

Flávio R. Kothe

Coordenador do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica

Professor Titular de Estética – FAU/UnB

ENTREVISTA
